



PRÁTICA DE AUTOMEDICAÇÃO ENTRE ACADÊMICOS DE GRADUAÇÃO

BATISTA, Nadine¹; FIGUEROA, Patrícia¹; BATTU, Paola¹; FRUET, Fabíula¹;
BORTOLOTTI, Josiane Woutheres²; BONFANTI- AZZOLIN, Gabriela².

Palavras-Chave: Medicamento. Automedicação. Prescrição.

INTRODUÇÃO

A automedicação é bastante comum no Brasil onde consiste na administração de medicamentos sem prescrição médica. O uso de medicamentos não sujeitos a receita médica obrigatória deve compor uma incumbência partilhada entre as autoridades, os doentes, os competentes de saúde e a indústria farmacêutica. A automedicação pode definir-se como a responsabilização do indivíduo pela melhoria da sua saúde (RIBEIRO e tal, 2010). É o uso de medicamentos que não precisam de receituário médico para reparo de pequenos males, tais como: resfriados, enxaqueca, azia, etc. É perceptível que o risco dessa prática está vinculado com o grau de informação dos usuários no aspecto relacionado aos medicamentos, tanto quanto a acessibilidade dos mesmos. Ainda que haja medicamentos que possam ser adquiridos sem receituário médico, as pessoas não devem fazer uso inadequado dos mesmos, como ingeri-los na dose e na hora que lhes for pertinente (. Dessa forma, o uso indiscriminado de medicamentos tornou-se uma das grandes dificuldades enfrentadas pela saúde no âmbito mundial (PEREIRA et al., 2008).

As razões pelas quais as pessoas se automedicam são inúmeras. A propaganda desenfreada e massiva de determinados medicamentos contrasta com as tímidas campanhas que tentam esclarecer os perigos da automedicação (MARINI et al, 2015).

O acréscimo da desocupação e a facilidade de admissão aos medicamentos de tarja vermelha (sem retenção de receita) e aos Medicamentos Isentos de Prescrição (MIP) fazem com que a relação de automedicação e os danos causados pelo uso irracional aumentem. Por outro lado, os medicamentos exercem uma função simbólica sobre a população. Como

¹Discente do Curso de Farmácia, UNICRUZ. E-mail: nadineincra12@outlook.com, paty_riogrande@hotmail.com; paola.batu@hotmail.com; fabyfruett_@hotmail.com.

² Docente do Curso de Farmácia, UNICRUZ. E-mail: bortolotto@unicruz.edu.br; gbonafnti@unicruz.edu.br.



produto simbólico, o medicamento pode ser visto como um signo ou símbolo, composto de uma realidade material (significante), no caso a pílula, a solução, a ampola e outras, que remete a um conceito (significado) que é a saúde (VILARINO et al, 1998). Assim, a formação do farmacêutico, poderia talvez prevenir a automedicação destes profissionais, visto ser de seu conhecimento os riscos a que estes se submetem ao utilizar este procedimento (CASTRO et al, 2006).

Sendo assim, esse trabalho tem como objetivo investigar a prática da automedicação entre acadêmicos de diferentes áreas da Universidade de Cruz Alta (UNICRUZ), verificando seus níveis de conhecimento sobre o perigo dessa prática.

METODOLOGIA

Para participar do estudo, foram convidados acadêmicos dos cursos de Administração (Ciências Humanas) (Grupo HUMANAS, n=25) e do curso de Biomedicina (Ciências da Saúde) (Grupo SAÚDE, n=25) da UNICRUZ. Os voluntários foram convidados a expressar sua opinião dentre as opções: Não concordo plenamente, não concordo parcialmente, indiferente, concordo parcialmente e Concordo Totalmente, frente às afirmativas referentes ao tema estudado e listadas a seguir:

- A. Os medicamentos podem ser usados sem prescrição médica.
- B. Medicamentos que são prescritos causam menos reações adversas.
- C. O uso de medicamentos sem prescrição médica pode causar dependência.
- D. A automedicação é sempre eficaz contra os sintomas.
- E. A automedicação pode ser influenciada por amigos, familiares ou conhecidos.
- F. As utilizações de medicamentos injetáveis sem prescrição médica são mais eficazes que medicamentos via oral.
- G. O uso contínuo de medicamentos sem prescrição médica pode levar à intoxicação.
- H. A utilização de medicamento sem prescrição médica pode mascarar a doença, e evitar o tratamento correto.

Ao final das entrevistas, os dados obtidos foram organizados em tabelas e representados em porcentagem (%).



RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em ambos os cursos envolvidos, a média de idade dos participantes foi de 21 à 25 anos. As respostas podem ser observadas na Tabela 1.

Tabela 1 - Percentual dos resultados da pesquisa, com um total de 25 acadêmicos

	Não concordo plenamente		Não concordo parcialmente		Indiferente		Concordo parcialmente		Concordo Totalmente	
A	0%	0%	56%	68%	4%	0%	40%	32%	0%	0%
B	4%	0%	4%	0%	60%	80%	28%	20%	4%	0%
C	12%	0%	32%	0%	0%	4%	56%	72%	0%	24%
D	16%	16%	48%	52%	0%	0%	36%	32%	0%	0%
E	0%	0%	8%	0%	24%	52%	56%	40%	12%	8%
F	4%	16%	16%	12%	80%	72%	0%	0%	0%	0%
G	0%	0%	12%	24%	24%	28%	64%	44%	0%	4%
H	0%	0%	24%	0%	4%	36%	40%	48%	32%	16%

Legenda - Células transparentes = GRUPO HUMANAS; Células sombreadas = GRUPO SAÚDE

Quanto à possibilidade de uso de medicamentos sem prescrição médica, o Grupo HUMANAS apresentou maior concordância (40%) do que o Grupo Saúde (32%).

De forma preocupante, ambos os grupos demonstraram indiferenças quanto à ocorrência de reações adversas na prática da automedicação, embora o Grupo HUMANAS demonstrasse maior concordância (64%) com a relação automedicação e ocorrência de intoxicações (Grupo SAÚDE = 48%).

Quanto às práticas da automedicação, o Grupo HUMANAS concorda em 68% que a influência de amigos, familiares ou conhecidos é determinante, enquanto no Grupo SAÚDE esse índice é de 48%. É possível que o conhecimento obtido na graduação dos cursos da área da saúde quanto ao uso racional de medicamentos possa influenciar na avaliação das influências externas, explicando esse resultado.

Ainda, ambos os grupos apresentam opiniões semelhantes quanto à eficácia dos medicamentos obtidos sem receita médica e quanto aos administrados pela forma farmacêutica oral ou injetável.

Quando questionados sobre o desenvolvimento de dependência seguida da automedicação, o Grupo SAÚDE demonstrou maior concordância (96%) do que o Grupo HUMANAS (56%). Interessantemente, ambos os grupos apresentaram opinião semelhante e elevada quanto à possibilidade de a utilização de medicamento sem prescrição médica poder



mascarar doenças e evitar o tratamento correto (Grupo SAÚDE = 64%; Grupo HUMANAS = 72%).

CONCLUSÃO

Após a análise dos dados, pode-se concluir que apesar de a grande maioria dos entrevistados terem conhecimento sobre os perigos da automedicação, tais como reações adversas, intoxicações e desenvolvimento de dependência, são influenciados por terceiros a realizar esta prática. De forma geral, a área de curso dos acadêmicos não foi fator determinante para a opinião dos mesmos em relação a prática da automedicação.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Helena C. et al. Automedicação: entendemos o risco. **Infarma**, v. 18, n. 9/10, p. 17-20, 2006.

MARINI, Danyelle Cristine et al. PERFIL DA AUTOMEDICAÇÃO EM UNIVERSITÁRIOS DA CIDADE DE MOGI GUAÇU. **FOCO: caderno de estudos e pesquisas**, n. 6, 2015.

PEREIRA, Januaria Ramos et al. Riscos da automedicação: tratando o problema com conhecimento. **Universidade da Região de Joinville–UNIVILLE**, 2008.

RIBEIRO, Maria Isabel et al. Prevalência da automedicação na população estudantil do Instituto Politécnico de Bragança. **Revista portuguesa de saúde pública**, v. 28, n. 1, p. 41-48, 2010.

VILARINO, Jorge F. et al. Perfil da automedicação em município do Sul do Brasil. **Revista de saúde pública**, v. 32, n. 1, p. 43-49, 1998.